

Construindo a história e a fama na escola de retórica: a escolha final de Cícero*

Biagio Santorelli

Universidade de Gênova, Itália

Tradução: Gilson Charles dos Santos

RESUMO: Logo após a morte de Cícero, os últimos momentos de sua vida se tornaram um estudo de caso. Um conjunto de exercícios escolares, documentado na antologia de Sêneca, o Velho, confrontou os alunos com um cenário hipotético no qual Antônio se ofereceu para poupar a vida de Cícero, se ele destruísse seus escritos. Sabemos por Sêneca que esse dilema ganhou o favor de um público maior de retóricos, que proferiram declarações públicas sobre esse assunto. Neste trabalho, vou me concentrar nas vozes opostas que participaram dessa discussão, com o objetivo de mostrar que o longo debate sobre a (in)constantia de Cícero começou na escola de retórica.

Palavras-chave: Cícero; Retórica; Exercícios; Sêneca, o Velho.

175

Constructing history and fame in the school of rhetoric: Cicero's final choice

ABSTRACT: Shortly after Cicero's death, the last moments of his life became a case study. A set of school exercises, documented in the Elder Seneca's anthology, confronted students with a hypothetical scenario in which Anthony offered to spare Cicero's life, if he would destroy his writings. We know from Seneca that such dilemma earned the favor of a larger audience of rhetoricians, who would deliver public declamations on this subject. In this paper, I will focus on the opposing voices that took part in this discussion, in the aim of showing that the longstanding debate on Cicero's (in)constantia started in the school of rhetoric.

Keywords: Cicero; Rhetoric; Exercises; Seneca, the Elder.

* O presente trabalho é resultado de uma série de palestras na Universidade Federal Fluminense, na Universidade Federal de Juiz de Fora e na Universidade de Brasília. Agradeço o convite ao prof. Beethoven Alvarez, Charlene Martins Miotti e Gilson Charles dos Santos (que gentilmente traduziu meu artigo para o português).

1. A controversa fama de Cícero

Em 16 de junho de 1345, o pré-humanista italiano Francesco Petrarca endereçou a Cícero uma epístola fictícia tingida de decepção. Ele havia descoberto recentemente um manuscrito das *Cartas* de Cícero, um autor que ele conhecia e admirava apenas por suas obras de retórica e filosofia. Nessas epístolas, no entanto, ele agora encontrava a animosidade, as hesitações e até mesmo a inconstância de Cícero¹. Aquele que, até então, era para ele um mestre do equilíbrio e da determinação, de repente se tornou um homem comum:

Audivi multa te dicentem, multa deplorantem, multa variantem, Marce Tulli, et qui iampridem qualis preceptor aliis fuisses noveram, nunc tandem quis tu tibi esses agnovi. (...) O inquiete semper atque anxie, vel ut verba tua recognoscas, "o preceps et calamitose senex", quid tibi tot contentionibus et prorsum nichil profuturis simultatibus voluisti? Ubi et etati et professioni et fortune tue conveniens otium reliquisti? Quis te falsus glorie splendor senem adolescentium bellis implicuit et per omnes iactatum casus ad indignam philosopho mortem rapuit?

176

Ouvi-te dizer, lamentar, distinguir muitas coisas, Marco Túlio, e, embora soubesse desde há muito que tipo de educador tu foste para os demais, somente agora descobri quem eras. Ô homem sempre irrequieto e ansioso, ou, para que reconheças tuas palavras: "ô velho impulsivo e desastroso"! Por que te meteste em tantos conflitos e disputas que não iriam te trazer nada? Por que deixaste de lado o ócio conveniente para tua idade, para tua carreira e para tua sorte? Que falso esplendor de glória te envolveu, velho como eras, em guerras de jovens e, impelido por todo tipo de acaso, sofreste morte indigna de um filósofo?²

Petrarca critica Cícero pelas escolhas que fez nos últimos anos de sua vida — os anos de seu retorno à vanguarda política da vida romana após a morte de Júlio César, nos quais ele se opôs fortemente a Antônio. Para Petrarca, Cícero se comportou como um viajante que "carrega uma lanterna à noite, mostrando o caminho para aqueles que o seguem", mas acaba se perdendo em seu próprio

¹ Sobre as epístolas de Petrarca a Cícero, e sobre a sua (re)descoberta das *Cartas* de Cícero, ver BOLDREER, 2019.

² Petrarca, *familiares* 24, 3, 1-2 (trad. Gilson Charles dos Santos). A autocrítica provém de Ps.-Cícero, *Ep. a Otaviano*, 6, uma epístola transmitida junto com as *Cartas* de Cícero, mas agora unanimemente considerada como um exercício retórico posterior (cf. VAN DER VELDEN, 2020).

caminho³. “Que loucura te moveu contra Antônio?”, Petrarca continua: “Tu responderás, creio eu, por amor pela república, que caiu em desgraça. Mas, se foste movido por essa fé pura, pelo amor à liberdade, por que tanta proximidade com Augusto?”⁴. Petrarca só sente tristeza, vergonha e compaixão pelos erros de Cícero, refletindo que teria sido muito melhor para ele, como convém a um filósofo, passar sua velhice longe da política.

Talvez devido ao escândalo provocado por sua postura crítica, quase sacrílega, em relação a uma figura tão indiscutível do passado clássico⁵, Petrarca logo compôs outra epístola a Cícero, oferecendo um tributo às suas obras e esclarecendo as razões por trás de suas próprias reservas.

Tu quidem, Cicero, quod pace tua dixerim, ut homo vixisti, ut orator dixisti, ut philosophus scripsisti; vitam ego tuam carpsi, non ingenium non linguam, ut qui illud mirer, hanc stupeam; neque tamen in vita tua quicquam preter constantiam requiro, et philosophice professioni debitum quietis studium et a civilibus bellis fugam, extincta libertate ac sepulta iam et complorata republica.

De fato, tu, Cícero (darei com tua permissão), viveste como homem, falaste como orador e escreveste como filósofo; critiquei tua vida, não o talento e nem a língua, de modo que me admire com aquele e me sinta estupefato por esta. Contudo, não sinto falta de nada em tua vida além de firmeza, a diligência devida ao silêncio ou à atividade filosófica e a fuga das guerras civis, visto que a liberdade havia sido extinta e já deplorada e sepultada a república.⁶

Aqui está, pois, um resumo do julgamento de Petrarca sobre Cícero: um orador incomparável, um grande filósofo, mas um homem simplesmente vivendo sua vida, marcado por uma falha fundamental — a falta de *constantia*, firmeza. Esta avaliação de Petrarca marcaria o início da reputação moderna de Cícero, uma fama que persistiria até os estudos contemporâneos e os livros didáticos escolares. No entanto, este mesmo julgamento tinha uma história antiga, que começou em Roma logo após a morte de Cícero.

³ Fam. 24, 3, 3 *ceu nocturnus viator lumen in tenebris gestans, ostendisti secuturis callem, in quo ipse satis miserabiliter lapsus es.*

⁴ Fam. 24, 3, 4-5 *Sed quis te furor in Antonium impegit? Amor credo reipublice, quam funditus iam corruisse fatebaris. Quodsi pura fides, si libertas te trahebat, quid tibi tam familiare cum Augusto?*

⁵ Petrarca oferece um exemplo dessa decepção na epístola que abre esse livro, Fam. 24,1,5-14.

⁶ Fam. 24, 4, 2.

De fato, apenas algumas décadas se passaram desde a morte de Cícero quando um retor, Júlio Basso⁷, pôde declarar em um de seus discursos: “Ninguém é impecável: Catão não tinha moderação, Cícero firmeza (*constantia*), Sula clemência”.⁸ Essa sentença é declarada em um julgamento fictício, em defesa de um pai acusado de insanidade por um de seus filhos: o homem adotou seu próprio neto, nascido de uma prostituta e outro filho seu, agora morto, a quem ele havia renegado anteriormente. Essa intrincada disputa familiar é o assunto de uma *controuersia* registrada na coleção de Sêneca, o Velho:

NEPOS EX MERETRICE SUSCEPTUS

Abdicavit quidam filium; abdicatus se contulit ad meretricem; ex illa sustulit filium. Aeger ad patrem misit: cum venisset, commendavit ei filium suum et decessit. Pater post mortem illius adoptavit puerum; ab altero [pater] filio accusatur dementiae.

NETO DE UMA MERETRIZ ADOTADO

Um homem abandonou seu filho; o abandonado foi viver com uma prostituta; teve um filho com ela. Doente, mandou-o para o pai; quando o pai veio, confiou-lhe seu filho e morreu. O pai, depois da morte dele, adotou a criança; o pai é acusado de insanidade pelo outro filho.⁹

178

Só para dar algumas informações básicas sobre os textos acerca dos quais trataremos: a *controuersia* era o exercício mais avançado que se praticava regularmente na escola de declamação (que era o mais alto nível de educação no mundo antigo); os alunos eram convidados a assumir o papel da acusação ou da defesa em um julgamento imaginário sobre casos fictícios geralmente complexos como o que acabamos de apresentar¹⁰.

Júlio Basso, o retor acima mencionado, fala em nome do pai que é acusado de insanidade; ele sustenta que cada um dos personagens envolvidos neste caso cometeu um erro (o pai estava errado em repudiar o filho falecido, o filho estava errado em não se opor, o filho sobrevivente — que é o acusador neste caso — estava errado em não interceder em favor de seu irmão). No entanto, uma única falha não é base suficiente para um diagnóstico de insanidade: afinal, a maioria

⁷ Não temos informações precisas sobre esta personagem, que se supõe ter nascido por volta de 50 AEC e falecido após 15 EC; cf. ECHAVARREN, 2007, p. 157-8.

⁸ Sen. *Contr.* 2, 4, 4 *Nemo sine vitio est: in Catone <deerat> moderatio, in Cicerone constantia, in Sulla clementia*. O texto de Sêneca, o Velho é citado de acordo com HÅKANSON, 1989.

⁹ Sen. *Contr.* 2, 4.

¹⁰ Ver mais recentemente MIOTTI e FURTADO, 2024, p. 83-5 para bibliografia recente (incluindo traduções e comentários em português) sobre as controvérsias latinas existentes e referências a projetos de pesquisa em andamento neste campo.

das figuras da história recente era notável por uma falha peculiar, sem que isso levasse a acusações de insanidade. Esse é o pano de fundo da referência de Basso a Cícero. Além das vicissitudes de uma família média na cidade dos declamadores, a declaração de Basso mostra que uma das preocupações mais profundas de Cícero já havia se tornado realidade: apesar de suas tentativas de defender a consistência e a lealdade de suas escolhas políticas, a *inconstantia* era agora apontada como a característica quintessencial de sua personalidade. As palavras de Basso parecem assumir um certo grau de consenso de seu público – assim como muitos concordariam em reconhecer a falta de moderação como uma característica definidora de Catão, o Jovem e a falta de clemência como marca registrada de Sula.

Nessas palavras de um antigo retor, já vemos surgir o julgamento sobre a falta de constância de Cícero que Petrarca expressaria cerca de treze séculos depois. Nesta contribuição, pretendemos nos aprofundar na formação inicial da fama de *inconstantia* de Cícero por meio do testemunho de Sêneca, o Velho – um testemunho que Petrarca conhecia e no qual provavelmente se inspirou.¹¹ Ao analisar uma seleção de textos de três declamações dedicadas a Cícero, que estão preservadas na obra de Sêneca, mostraremos como um julgamento duradouro sobre o grande orador tomou forma nas escolas retóricas, enraizando-se no imaginário coletivo até os dias atuais.

179

2. Cícero na coleção retórica de Sêneca

Antes de começar, precisamos dizer apenas algumas palavras sobre a fonte que acabamos de mencionar e que continuaremos a discutir neste trabalho, a saber, a obra de Sêneca, o Velho. Pai de Sêneca, o Filósofo, e de seus dois irmãos, Novato e Mela, Sêneca, (conhecido como) o Velho, era um admirador apaixonado da cultura retórica de seu tempo, na qual ele reconheceu um grande potencial para a educação dos jovens – apesar de muitas outras vozes que falam de uma corrupção da eloquência na era imperial romana¹². Sêneca estava ciente, no entanto, de que, por uma variedade de razões¹³, os testemunhos dessa cultura, a saber, os discursos que os retores de seu tempo compunham e proferiam em público, não circulavam por escrito, e isso os condenaria a desaparecer; a perda dessas obras teria privado a educação dos jovens de leituras valiosas: e assim, em uma tentativa de preservar pelo menos os melhores produtos da cultura retórica

¹¹ Em *Fam.* 24, 3, 6, ao identificar Cícero como o ponto mais alto da eloquência latina, Petrarca refere-se abertamente ao julgamento expresso por Sêneca o Velho: *dixit hoc ante me, seu ab aliis dictum scripsit, magnus quidam vir Anneus Seneca Cordubensis, cui te, ut idem ipse conqueritur, non "etas" quidem "sed bellorum civilium furor eripuit*; Petrarca alude a *Sen. Contr.* 1, *praef.* 11, embora confundido erroneamente Sêneca o Velho com o filósofo (cf. FANTHAM, 2017, p. 680-1).

¹² Para uma introdução abrangente a Sêneca, o Velho, ver BERTI, 2007.

¹³ Discutidas em SANTORELLI e STRAMAGLIA, 2015, p. 272-276.

de seu tempo para o benefício da educação de seus três filhos, Sêneca registrou as passagens mais brilhantes das declamações dos maiores retores de sua época, que ele teve a oportunidade de ouvir ou conhecer pessoalmente: o resultado de seu trabalho foi uma coleção impressionante de passagens selecionadas, organizadas em 10 livros de *controversiae* e um de *suasoriae*¹⁴, registrando seções curtas de discursos fictícios de mais de 100 retores — a maioria dos quais seriam desconhecidos para nós. Essa lista de grandes retores, no entanto, não inclui Cícero. Sêneca nos informa que, para seu pesar, a fúria das guerras civis o impediu de conhecer e ouvir Cícero pessoalmente, a quem, no entanto, ele considera o maior orador romano de todos os tempos:

Omnes autem magni in eloquentia nominis excepto Cicerone videor audisse; ne Ciceronem quidem aetas mihi eripuerat, sed bellorum civilium furor, qui tunc orbem totum pervagabatur, intra coloniam meam me continuit.

Creio ter ouvido todos os oradores de grande reputação, excetuando-se, porém, Cícero; não foi minha idade quem me privou de Cícero, mas o furor das guerras civis, que então varriam todo o mundo, época em que permaneci na minha colônia.¹⁵

180

Tal atitude é geralmente compartilhada pelos retores citados na coleção de Sêneca: a maioria deles não ouviu Cícero falar, mas eles leram e estudaram as obras de Cícero e aprenderam a apreciá-lo como a personificação da própria eloquência.¹⁶ Quando nos aproximamos da coleção de Sêneca em busca de avaliações de Cícero, portanto, devemos estar cientes de que encontraremos passagens dos discursos de retores geralmente bem-dispostos para com Cícero, reunidos por um especialista no campo, Sêneca, que é abertamente um admirador dele. Embora a voz de Cícero não ressoe diretamente nas páginas de Sêneca, nós o encontramos como personagem principal em três declamações, que agora examinaremos para avaliar em que medida os discursos de retores que eram amplamente bem-intencionados com relação a ele contribuíram para lançar as bases da fama de Cícero em eras futuras.¹⁷

¹⁴ Apenas cinco livros de *controversiae* chegaram a nós na íntegra (1, 2, 7, 9, 10), dois dos quais mutilados em sua conclusão (2 e 10); dos outros cinco temos apenas uma coleção de trechos. Quanto às *suasoriae*, apenas um livro sobrevive, no final do qual os manuscritos preservam o *incipit* de um segundo livro atualmente perdido.

¹⁵ Sen. *Contr.* 1, *praef.* 11.

¹⁶ Sobre a postura em relação a Cícero no início da época imperial ver DEGL'INNOCENTI PIERINI, 2002, e, mais recentemente, KEELINE, 2018; LA BUA, 2019, p. 100-112.

¹⁷ Sobre a presença de Cícero nas declamações registradas por Sêneca ver BERTI, 2021 e as contribuições reunidas em GUÉRIN e LEDENTU (2021), com referências a pesquisas anteriores.

3. Sobre o assassino de Cícero: Sen. Contr. 7.2

Cícero aparece, antes de tudo, no tema de uma *controuersia*: de acordo com os termos deste exercício retórico, nos é dada uma história de fundo que leva a um julgamento, com todas as informações de que os retores precisam para falar em nome da acusação ou da defesa. Neste caso específico, um homem chamado Popílio é acusado de má conduta porque executou a ordem de Antônio de matar Cícero e trazer-lhe sua cabeça, apesar de o próprio Cícero ter defendido Popílio em um julgamento por parricídio.

POPILLIVS CICERONIS INTERFECTOR

De moribus sit actio. Popillium parricidii reum Cicero defendit; absolutus est. Proscriptum Ciceronem ab Antonio missus occidit Popillius et caput eius ad Antonium rettulit. Accusatur de moribus.

POPÍLIO, ASSASSINO DE CÍCERO

A ação versa sobre a conduta. Cícero defendeu Popílio de parricídio; esse foi absolvido. Popílio, por ordem de Antônio, matou Cícero, que havia sido proscrito, e levou de volta a cabeça dele para Antônio. Está sendo acusado de má-conduta.¹⁸

181

Sêneca reconhece que o envolvimento de um Popílio no assassinato de Cícero e suas relações anteriores não foram bem documentadas na tradição historiográfica¹⁹; no entanto, os declamadores se envolveram entusiasticamente com este assunto: Sêneca registra passagens dos discursos de mais de 20 retores.

Se analisarmos as argumentações exploradas nesses textos, encontraremos uma grande variedade de pontos — mais ou menos — previsíveis, concentrados principalmente na culpa da ingratidão de Popílio e na apresentação de seu assassinato de Cícero como um segundo parricídio²⁰; por outro lado, as defesas em nome de Popílio só podem enfatizar que ele foi forçado a fazer o que fez. Gostaríamos de chamar a atenção para um ponto levantado por Marcelo Esernino²¹, que encontra uma explicação para a questão de por que Antônio enviou apenas Popílio para matar Cícero:

¹⁸ Sen. Contr. 7, 2, th. Sobre esta *controversia* especificamente ver CASAMENTO, 2004; LENTANO, 2016.

¹⁹ Sen. Contr. 7, 2, 8 *Popillium pauci ex historicis tradiderunt interfectorem Ciceronis et hi quoque non parricidi reum a Cicerone defensum sed in privato iudicio; declamatoribus placuit parricidi reum fuisse.*

²⁰ LENTANO, 2016, p. 379-80.

²¹ Sobrinho de Asínio Polião, nascido por volta de 20 AEC; ECHAVARREN, 2007, p. 106-7.

*Cogitabat, inquit, secum Antonius: Quod Ciceroni excogitabo supplicium? Occidi iussero? Olim iam adversus hunc metum emunivit animum: scit **mortem nec immaturam esse consulari nec miseram sapienti**. Fiat aliquid novi, quod non expectat, quod non timet; non indignatur cervicem hosti porrigere, indignabitur clienti. Popillium aliquis vocet, ut sciat quantum illi defensi rei profuerint.*

“Antônio”, diz ele, “pensava consigo mesmo o seguinte: que punição vou inventar para Cícero? Vou mandar que seja assassinado? Há tempos que ele tem a alma preparada contra esse temor. Sabe que *a morte não é prematura para um ex-cônsul nem infeliz para um homem sábio*. Deve haver algo novo, algo que ele não espera, o que não teme; se não causa indignação oferecer o pescoço para o inimigo, causará fazê-lo a um cliente. Alguém chame Popílio, para que Cícero saiba qual o prêmio de tê-lo defendido”.²²

Testemunhamos aqui uma peça inteligente de alusões literárias, uma peça que começou bem antes de Esernino. Nas palavras imaginadas de Antônio, de fato, podemos reconhecer as próprias palavras de Cícero: quando, no final da *Segunda Filípica*, Cícero lembra a Antônio que não tem medo de perecer na luta contra ele, assim como não teve medo de morrer nas mãos de Catilina, o orador diz:

*Etenim si abhinc annos prope viginti hoc ipso in templo **negavi posse mortem immaturam esse consulari**, quanto verius nunc negabo seni! Mihi vero, patres conscripti, iam etiam optanda mors est, perfuncto rebus eis quas adeptus sum quasque gessi.*

Com efeito, se há quase vinte anos aqui mesmo *neguei que fosse possível morrer prematuramente um consular*, com que acerto maior negá-lo-ei agora, sendo idoso? Aceitar a morte, Pais Conscritos, uma vez rematadas as ações a que dei início e consumei, já é uma alternativa para mim.²³

Nestas linhas, Cícero está aludindo às palavras que pronunciou no 4º discurso contra Catilina:

²² Sen. Contr. 7, 2, 110

²³ Cic. Phil. 2, 119.

Nam primum debeo sperare omnis deos qui huic urbi praesident pro eo mihi ac mereor relatuos esse gratiam; deinde, si quid obtigerit, aequo animo paratoque moriar. Nam neque turpis mors forti viro potest accidere neque immatura consulari nec misera sapienti.

Pois, em primeiro lugar, devo esperar que todos os deuses que protegem esta cidade tenham gratidão por mim (e a mereço); em segundo, se algo me acontecer, morrerei com a alma tranquila e preparada. De fato, nem o homem de coragem pode ter morte desonrosa, *nem o consular apressada*, nem o sábio infeliz.²⁴

Com esta autocitação, Cícero estava alegando que mantinha a mesma opinião que tinha na época de seu conflito com Catilina, e que os eventos políticos dos últimos 20 anos não mudaram sua mente — esta parece ser a definição perfeita de *constantia*. Na reconstrução dada por Esernino, Antônio não apenas conhece e se lembra das palavras de Cícero, como também acredita nelas, reconhecendo a *constantia* de seu inimigo e escolhendo a punição final correspondente. Isto é algo que precisamos ter em mente, à medida que avançamos para as outras duas declamações sobre Cícero — e mais especificamente, sobre os momentos finais de sua vida²⁵.

183

4. A escolha final de Cícero: Sen. Suas. 6 e 7

Cícero é o personagem principal de duas *suasoriae*. Enquanto uma *controversia* fornece aos estudantes (e retores profissionais) uma história que termina no tribunal e exige que eles falem no lugar da acusação ou da defesa no julgamento subsequente, uma *suasoria* convida a fazer um discurso para aconselhar um personagem prestes a tomar uma decisão crucial.

Na 6ª *suasoria* da coleção de Sêneca, Cícero precisa decidir se deve implorar o perdão de Antônio.²⁶ Os retores registrados por Sêneca são virtualmente unânimes: Cícero não deve tentar salvar sua vida. Se ele persuadir Antônio, enfrentará uma vida de escravidão e humilhação; e a grande maioria dos retores não quer ver Cícero se humilhar. Essa abordagem nos diz muito sobre a construção do “Cícero ideal” nas escolas de declamações: aqueles que

²⁴ Cic. *Cat.* 4, 3.

²⁵ Sobre a atenção quase exclusiva ao fim da vida e da carreira política de Cícero devotada pelos declamadores do início da era imperial, ver KASTER, 1998, p. 252-3.

²⁶ Sen. *Suas.* 6, th. *Deliberat Cicero an Antonium deprecetur*. Sobre as *suasoriae* dedicadas a Cícero, ver o panorama geral de FEDDERN, 2013, p. 381-5; ver também BERTI, 2021, p. 103-4 sobre as possíveis origens e antecedentes da *Suas.* 6. Os temas dessas duas *suasoriae* foram referidos por Quintiliano como clássicos bem conhecidos da escola retórica: cf. Quint. *Inst.* 3, 8, 46, apud GUÉRIN, 2021, §§15-17; 25.

estudaram as obras de Cícero, em particular seus discursos judiciais, agora esperam que ele viva de acordo com suas palavras, não importando as consequências. E, claro, o fato de que, a essa altura, Cícero já esteja morto é irrelevante: a ficção das declamações fornece um espaço seguro no qual qualquer orador pode “criar” sua própria história. Mas o que é mais interessante para nossos propósitos é a estratégia persuasiva explorada por esses retores: no auge do *páthos*, eles citam as próprias palavras de Cícero, de vários discursos que ele fez ao longo de sua carreira, instando-o a provar sua *constantia* e agir de acordo. Vamos examinar os casos mais marcantes desse tipo.

Quinto Hatério, um retor que provavelmente tinha cerca de 20 anos na época da morte de Cícero²⁷, afirma que viver sob o triunvirato não será de forma alguma comparável à vida na época da República. Ele reforça esse ponto citando várias figuras da história romana que escolheram acabar com suas vidas em vez de viver sob o domínio de seus inimigos. Para culminar essa lista de exemplos, Hatério cita o próprio Cícero:

M. Cato, solus maximum vivendi moriendique exemplum, mori maluit quam rogare (nec erat Antonium rogaturus), et illas usque ad ultimum diem puras a civili sanguine manus in pectus sacerrimum armavit. Scipio, cum gladium <in> pectus abdidisset, quaerentibus qui in navem transierant militibus imperatorem 'imperator' inquit 'bene se habet'; victus vocem victoris emisit. 'Vetat' inquis '<me> Milo rogare iudices'; i nunc et Antonium roga.

Marco Catão, sozinho o maior exemplo de como viver e morrer, preferiu morrer a implorar (e não haveria de implorar a Antônio), e voltou contra seu peito sagradíssimo as mãos até o fim de seus dias isentas do sangue civil. Cipião, após cravar a espada no próprio peito, disse aos soldados que subiram ao navio para procurar seu comandante: “o comandante está bem?”; o vencido usou o tom de voz do vencedor: “**Milão**”, disse [Cícero], “**me impede de implorar aos juízes**”. Vai, então, e implora a Antônio.²⁸

Nessas palavras, podemos detectar uma alusão a duas passagens do *Pro Milone*, nas quais Cícero enfatizou a determinação de Milão, que se recusou a

²⁷ ECHAVARREN, 2007, p. 146-8. Sobre Hatério e seu papel em Sen. *Suas* 6 e 7 ver MIGLIARIO, 2021, §8.

²⁸ Sen. *Suas*. 6, 2; ver FEDDERN, 2013, p. 389-90 sobre os *exempla* listados por Hatério; sobre a importância desta citação no plano de Sêneca de construir uma memória cultural coletiva, ver DINTER, 2021, §§15-16.

implorar aos juízes por misericórdia, apesar dos riscos que estava enfrentando²⁹; Hatério agora está convidando Cícero a viver de acordo com o padrão moral de seu velho amigo e cliente.

Ainda mais forte é o apelo de Pórcio Latrão, um amigo próximo de Sêneca³⁰: depois de notar que agora, sob o triunvirato, seria o momento certo para gritar o ciceroniano “*o tempora, o mores!*”, Latrão convida Cícero a viver de acordo com ninguém menos que Verres — que, de acordo com Asínio Polião, morreu bravamente na mesma proscrição em que eventualmente Cícero perdeu sua vida:

Tuis verbis, Cicero, utendum est: “o tempora, o mores!” Videbis arduas crudelitatem simul ac superbia oculos; videbis illum non hominis sed belli civilis vultum; videbis illas fauces per quas bona Cn. Pompei transierunt, illa latera, illam totius corporis gladiatoriam firmitatem; videbis illum pro tribunali locum quem modo magister equitum, cui ructare turpe erat, vomitu foedaverat: supplex accedens genibus deprecaberis? Eo ore cui se debet salus publica humilia in adulationem verba summittes? Pudeat; Verres quoque proscriptus fortius perit.

É preciso, Cícero, recorrer às tuas próprias palavras: “**ô tempos, ô costumes!**”. Verás olhos ardendo de crueldade e, ao mesmo tempo, de arrogância; verás a imagem não de um homem, mas da guerra civil; verás a garganta que engoliu os bens de Gneu Pompeu; aquele tronco, aquela força de gladiador no corpo inteiro; verás aquele lugar diante do tribunal que um mestre de cavalaria, cujo arroto já era motivo de vergonha, poluiu com seu vômito. Irás cair aos seus joelhos em súplica, pedindo-lhe perdão? Submeterás a ele, por pura adulação, palavras humildes com estes lábios aos quais a República deve a sua salvação? Não te prestes a uma coisa dessas! **Até Verres, exilado, morreu de maneira mais corajosa.** ³¹

185

Esernino, de quem já ouvimos falar antes, lembra então a Cícero que ele havia elogiado a morte de Catão; portanto, ele não deveria estar disposto a condicionar agora sua própria vida a Antônio:

²⁹ Cic. Mil. 92 *Quid restat nisi ut orem obtesterque vos, iudices, ut eam misericordiam tribuatis fortissimo viro, quam ipse non implorat, ego etiam repugnante hoc et imploro et deposco?*; 105 *Sed finis sit: neque enim prae lacrimis iam loqui possum, et hic se lacrimis defendi vetat.*

³⁰ ECHAVARREN, 2007, p. 221-6.

³¹ Sen. Suas. 6, 3; sobre a morte de Verres ver 6, 24 *Pollio quoque Asinius, qui Verrem, Ciceronis reum, fortissime morientem tradidit, Ciceronis mortem solus ex omnibus maligne narrat, testimonium tamen quamvis invitum plenum ei reddit*; ver demais referências em FEDDERN, 2013, p. 395-6.

Occurrat tibi Cato tuus, cuius a te laudata mors est; quicquam ergo tanti putas ut vitam Antonio debeas?

Lembra-te de teu Catão, cuja morte foi louvada por ti; achas que algo vale tanto a ponto de deveres a vida a Antônio?³²

A exploração do material ciceroniano para esse tipo de conselho é mais sutil nas palavras de Céstio Pio³³, que diz:

Si ad desiderium populi respicis, Cicero, quandoque perieris parum vixisti; si ad res gestas, satis vixisti; si ad iniurias Fortunae et praesentem rei publicae statum, nimium diu vixisti; si ad memoriam operum tuorum, semper victurus es.

Se prestas atenção na vontade do povo, Cícero, viveste pouco em comparação a quando morreste; se nas tuas façanhas, viveste o bastante; se nas injúrias da sorte e na situação atual da república, viveste demais; se nas memórias de tuas obras, viverás para sempre.³⁴

186

Cícero havia expressado esses conceitos várias vezes em suas obras,³⁵ mas a ocorrência mais interessante está na *Primeira Filípica*: Cícero havia concluído este discurso afirmando que ele vivera o suficiente para si mesmo e tentaria preservar sua vida apenas pelo bem do Estado; anteriormente, nessa mesma passagem, Cícero havia afirmado que as palavras que teve a oportunidade de falar em público desde seu retorno do exílio seriam um testemunho de sua *constantia*.

Cepi fructum, patres conscripti, reversionis meae, quoniam et ea dixi, ut, quicumque casus consecutus esset, exstaret constantiae meae testimonium, et sum a vobis benigne ac diligenter auditus. Quae potestas si mihi saepius sine meo vestroque periculo fiet, utar; si minus, quantum potero, non tam mihi me quam rei publicae reservabo. Mihi fere satis est,

³² Sen. *Suas.* 6, 4.

³³ ECHAVARREN, 2007, p. 101-4. Céstio Pio possuiu em uma rivalidade pessoal peculiar com Cícero, que ele manifestou, mesmo publicamente, como professor e declamador. Sêneca atesta que ele havia composto discursos de refutação às orações de Cícero: para grande indignação de Sêneca, essas respostas eram tão populares que a juventude da época lia apenas os discursos ciceronianos aos quais Céstio havia respondido, negligenciando os outros. Ver Sen. *Contr.* 3, praef. 15, apud SANTORELLI, 2019, p. 493-4; 497.

³⁴ Sen. *Suas.* 6, 4.

³⁵ Cic. *Marc.* 25; *Fam.* 10, 1, 1; ver demais referências em FEDDERN, 2013, p. 396-7.

quod vixi, vel ad aetatem vel ad gloriam; huc si quid accesserit, non tam mihi quam vobis reique publicae accesserit.

Colhi o fruto, Pais Conscriitos, de meu regresso, visto que não apenas lhes participasse o que, em quaisquer situações, **dará testemunho de minha constância**, como da mesma maneira Vossas Excelências me escutassem com toda a benevolência e interesse. De tal expediente, sem incorrer na ameaça à minha pessoa e à de Vossas Excelências, muito amiúde usarei, se possível; se não, reservar-me-ei — o quanto puder — antes para a república do que para mim mesmo. **A mim quase me bastam os anos que vivi** — para a vida e para a glória —; o que de mais me suceder não me sucederá a mim pessoalmente: antes a Vossas Excelências e à república.³⁶

Céstio Pio pede que ele não desperdice esse ensinamento brilhante dobrando os joelhos a Antônio e que deixe o testemunho de suas obras ser perene.

Uma exploração equivalente do material ciceroniano, retirada principalmente de seus discursos mais famosos e amplamente estudados, pode ser vista na segunda *suasoria* dedicada a Cícero, a 7^o: aqui, Antônio prometeu poupar a vida de Cícero se ele queimasse seus escritos.

187

Deliberat Cicero an scripta sua conburat, promittente Antonio incolumitatem si fecisset.

Cícero delibera se deveria queimar seus escritos, prometendo Antônio sua salvação se viesse a fazer isso.³⁷

Como esperado, o consenso entre os declamadores é que Cícero não deveria fazer isso. Gostaríamos de nos concentrar em apenas alguns exemplos desta *suasoria*. O primeiro é retirado, novamente, de um discurso de Hatério. Aqui, o retor tenta explicar por que a situação atual — na qual ele aconselha que Cícero morra em vez de destruir suas obras — é diferente da época em que ele fez a escolha que lhe rendeu a reputação de *inconstantia*, ou seja, quando ele mudou de lado de Pompeu para César. Naquela época, Hatério diz:

³⁶ Cic. *Phil.* 1, 38.

³⁷ Sen. *Suas.* 7, th. Esta *suasoria* é analisada em detalhes por CASAMENTO, 2021.

Merito hercules illo tempore vixisti quo Caesar ultro te rogavit ut viveres sine ulla pactione, quo tempore non quidem stabat res publica, sed in boni principis sinum ceciderat.

Com razão (por Hércules!) decidiste pela vida quando César, **sem outro pretexto, te pediu que vivesses** sem qualquer outra promessa, numa época em que a república já não mais existia, mas havia caído nas mãos de um bom príncipe.³⁸

Em poucas palavras, Hatério consegue exonerar Cícero das antigas acusações de *inconstantia* e alertá-lo sobre as que virão. Em outro caso, Céstio Pio cita novamente o *Pro Milone* para lembrar Cícero do que ele disse uma vez:

Ubi est sacra illa vox tua: “mori enim naturae finis est, non poena”? Hoc tibi uni non liquet? At videris Antonio persuasisse. Adsere te potius libertati et unum crimen inimico adice: fac moriendo Antonium nocentior.

Onde estão aquelas tuas irretocáveis palavras: “**A morte é o fim da existência, não um castigo**”? Isso não te parece óbvio? **Poderias pensar que persuadiste Antônio.** Melhor reclamares tua liberdade e atribuir ao inimigo o crime; morrendo, deixas Antônio ainda mais inocentado.³⁹

Agora é a hora de provar que Cícero realmente acreditava no que estava dizendo, assim como persuadiu o próprio Antônio. Outro retor, Pompeu Silo⁴⁰, chega a imaginar que Antônio acreditava nas afirmações solenes de Cícero sobre o assunto de desprezar a morte e lhe propôs uma aliança apenas para enganá-lo e fazê-lo cair em contradição, envergonhando Cícero antes de matá-lo.

Silo Pompeius sic egit, ut diceret Antonium non pacisci sed inludere. [...] Quaeri nihil aliud quam ut ille Cicero multa fortiter de mortis contemptu locutus ad turpes condiciones perductus occideretur. Antonium illi non vitam cum condicione promittere sed mortem sub

³⁸ Sen. Suas. 7, 1.

³⁹ Sen. Suas. 7, 3. A referência de Céstio é Cic. Mil. 101 *His lacrimis non movetur Milo. Est quodam incredibili robore animi. Exsilium ibi esse putat, ubi virtuti non sit locus; mortem naturae finem esse, non poenam*; Céstio escreveu uma resposta ao *Pro Milone* (ver acima, n. 32), um discurso ciceroniano que foi bastante popular e admirado entre os declamadores da era imperial; cf. CASAMENTO, 2010; 2021, §§16-18; GUÉRIN, 2021, §26 n. 35.

⁴⁰ ECHAVARREN, 2007, p. 217-8.

infamia quaerere. itaque quod turpiter postea passurus esset, nunc illum debere fortiter pati.

Silo Pompeio agiu de modo a dizer que Antônio não barganhava, mas iludia. [...] Que não tinha outro objetivo além de fazer com que o **grande Cícero, após corajosamente dizer muitas coisas com desprezo acerca da morte, fosse morto nas piores condições.** Antônio não lhe impunha uma condição para sobreviver, e sim buscava sua morte com infâmia. Por isso, deveria sofrer com coragem agora o que depois iria sofrer com vergonha.⁴¹

Mais exemplos desse tipo poderiam ser citados, mas esperamos que esta amostra tenha esclarecido o método seguido pelos retores citados por Sêneca: a ficção das declamações lhes dá uma chance de se dirigirem diretamente ao seu “herói cultural”⁴², e eles aproveitam essa oportunidade para lembrá-lo das declarações mais ousadas que ele havia proferido em suas obras, de modo a mantê-lo fiel à sua palavra. Esta é a abordagem de praticamente todos os retores registrados nesta coleção: na 6^o *suasoria*, Sêneca nos informa que “poucos declamaram o outro lado (ou seja, aconselhando Cícero a tentar salvar sua vida); quase ninguém se aventurou a exortar Cícero a implorar perdão a Antônio”⁴³; na 7^o, aprendemos que todos estavam “preocupados com as obras de Cícero, ninguém com Cícero”. A razão para essa tendência é reveladora: “eles tinham uma opinião muito elevada do espírito de Cícero”.⁴⁴

Esse é um testemunho importante para nós: tendencioso (como ele certamente pode ter sido), Sêneca descreve a escola de declamação como um ambiente benevolente para com Cícero; os retores estão cientes das acusações de *inconstantia* contra seu herói, mas eles geralmente não as exploram, e sim competem para encontrar os meios mais eficazes (incluindo citações do próprio Cícero) para impedir que Cícero arruíne sua fama para sempre. Alguns desvios da atitude dominante devem ter existido; Sêneca registra dois deles⁴⁵: na 6^o *suasoria*, somos informados de que apenas um retor, Vário Gêmino⁴⁶, aconselhou Cícero em ambas as direções (primeiro a não implorar a Antônio, depois a fazê-

⁴¹ Sen. Suas. 7, 11.

⁴² Sobre a exaltação de Cícero como herói nas escolas de retórica, ver KASTER, 1998, p. 254-5; STEEL, 2005, p. 17; BERTI, 2007, p. 214; KEELINE, 2018, p. 106-10.

⁴³ Sen. Suas. 6, 12 *Alteram partem pauci declamaverunt. Nemo <paene> ausus est Ciceronem ad deprecandum Antonium hortari; bene de Ciceronis animo iudicaverunt.*

⁴⁴ Sen. Suas. 7, 10 *Huius suasoriae alteram partem neminem scio declamasse; omnes pro libris Ciceronis solliciti fuerunt, nemo pro ipso, cum adeo illa pars non sit mala ut Cicero, si haec condicio lata ei fuisset, deliberaturus non fuerit.*

⁴⁵ Nomeadamente, os discursos de Vário Gêmino e Asínio Polião, discutidos abaixo; ver MIGLIARIO, 2021, §§10-11 com mais referências.

⁴⁶ ECHAVARREN, 2007, p. 263-4.

lo para salvar sua vida). Quando ele quer persuadir Cícero a se render, Vário Gêmino cita a mesma passagem das *Catilinárias* que já mencionamos; já vimos que, em vida, Cícero alegou ter vivido graças às suas palavras ao longo das últimas duas décadas de sua vida; e também vimos que, de acordo com a maioria dos retores, Antônio acreditava que Cícero quis dizer essas palavras; no entanto, Vário o conhece melhor:

Spero me Ciceroni meo persuasurum ut velit vivere. Quod grandia loquitur et dicit: “mors nec immatura consulari nec misera sapienti,” non movet me: idiotam gerit; ego belle mores hominis novi: faciet, rogabit. Nam quod ad servitutem pertinet, non recusabit; iam collum tritum habet; et Pompeius illum et Caesar subegerunt: veteranum mancipium videtis. Et complura alia dixit scurrilia, ut illi mos erat.

Tenho esperança de persuadir meu amigo Cícero a querer viver. Não me comovem as coisas grandiosas que ele diz e sobre as quais discursa: “**a morte não é imatura para o consular nem infeliz para o sábio**”. Age como uma pessoa comum; eu conheço muito bem o caráter humano: ele vai fazer isso, vai pedir perdão. Não vai recusar o que diz respeito à servidão. Já está com a corrente no pescoço; e tanto Pompeu como César o renderam: vocês vão ver um escravo experiente. E falou muitas outras bobagens, como era de seu costume.⁴⁷

Essa é uma acusação bastante forte contra Cícero: de acordo com Vário, as alegações de *constantia* de Cícero não devem ter crédito, pois Cícero certamente explorará um tecnicismo para isentar suas próprias palavras: ele dirá que essas palavras se aplicam a um funcionário público, enquanto ele agora é apenas um cidadão privado; quanto ao fardo da escravidão, Cícero não se importará em suportá-lo, como já fez no passado. Podemos facilmente reconhecer as acusações de *inconstantia* que se tornarão bastante populares nos séculos futuros; no entanto, neste estágio inicial da tradição, tais acusações são rotuladas como escandalosas, absurdas, mais do que argumentos sérios.

Além dos extratos de retores, Sêneca aproveita a oportunidade desta *suasoria* também para listar as palavras dos historiadores que narraram a morte de Cícero — provavelmente, ele o fez enquanto preparava suas próprias

⁴⁷ Sen. *Suas.* 7, 12. *Idiotam gerit* é o texto impresso, mais recentemente, por WINTERBOTTOM (1974), com base na leitura dos manuscritos (*idiotam* AV: *ideo tam* B) e aceitando uma conjectura de MÜLLER (1887) (*gerit* para *petit* dos manuscritos); HÅKANSON (1989) imprime, embora dubitanter: *ideo iam perit?*. Discussão completa em FEDDERN, 2013, p. 419-20.

Historiae.⁴⁸ Sêneca afirma que todos os historiadores concordam que “Cícero não foi covarde o suficiente para implorar a Antônio, nem estúpido o suficiente para esperar que Antônio pudesse ser conquistado: todos, isto é, exceto Asínio Polião, que permaneceu como o inimigo mais implacável da reputação de Cícero”⁴⁹. De acordo com Sêneca, Asínio Polião foi o inventor do assunto da 7ª *suasoria*, aquela que pergunta se Cícero deveria queimar seus livros para salvar sua vida; Asínio quer fazer seu público pensar que isso era um fato real, mas, por fim, ele não ousou adicionar esta anedota às suas próprias *Historiae*⁵⁰: afinal, aos olhos de Sêneca, o inimigo mais implacável da reputação de Cícero era o mais culpado de *inconstantia*.

Conclusões

Vamos agora tirar algumas conclusões desta pesquisa. As *controversiae* de Sêneca, o Velho preservam as vozes de retores profissionais que atingiram o estágio mais alto do treinamento retórico; eles aprenderam a reconhecer Cícero como modelo perfeito de estilo e eloquência e claramente transferem tal avaliação de excelência também para a perspectiva moral: um herói como Cícero sem dúvida manterá sua consistência, não se curvará a Antônio; pelo contrário, Cícero alcançará a imortalidade ao custo da própria vida. O mundo da declamação é um mundo fictício, e isso permite que seus usuários trabalhem dentro de um espaço cujo resultado da história real é imaterial. O mundo real estava consolidando a imagem de Cícero como carente de consistência: podemos ver isso nos fragmentos dos poucos retores hostis a Cícero; na escola de retórica, podemos ver que aquelas pessoas que amavam Cícero por sua produção literária esculpíam um espaço no qual poderiam criar sua própria imagem de Cícero – décadas após a morte do verdadeiro Cícero. Petrarca ficou desapontado quando percebeu a distância entre o Cícero histórico e o Cícero que ele conhecera em suas obras retóricas e filosóficas; em comparação com ele, os retores tinham a possibilidade de criar seu próprio Cícero – um Cícero que eles ainda poderiam incentivar a colocar em prática as palavras que fizeram dele seu herói cultural.

REFERÊNCIAS

⁴⁸ Ver os estudos reunidos em SCAPPATICCIO, 2021.

⁴⁹ Sen. *Suas.* 6, 14.

⁵⁰ Cf. BERTI, 2021, p. 105; CASAMENTO, 2021, §4.

BERTI, Emanuele. *Scholasticorum studia: Seneca il Vecchio e la cultura retorica e letteraria della prima età imperiale. Quaderni di «Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici»*, 20. Pisa: Giardini, 2007.

BERTI, Emanuele. Cicerone e Antonio. Le *suasoriae* 6 e 7 di Seneca il Vecchio tra realtà storica e invenzione retorica. **Maia** 73, p. 102-114, 2021.

BOLDREER, Francesca. Ritratti moderni di Cicerone nelle epistole agli antichi di Petrarca (*fam.* XXIV 3 e 4). **Ciceroniana online** III, 1, p. 107-132, 2019.

CASAMENTO, Alfredo. Clienti, *patroni*, parricidi e declamatori. Popillio e Cicerone (*Sen. Contr.* 7, 2). **La Parola del Passato** 59, p. 361-377, 2004.

CASAMENTO, Alfredo. La *pro Milone* dopo la *pro Milone*. **Papers on Rhetoric** 10, p. 39-58, 2010.

CASAMENTO, Alfredo. La figura di Cicerone nella *Suasoria* 7 di Seneca Padre (ovvero come sopravvivere alle guerre civili). In: GUÉRIN, Charles; LEDENTU, Marie (org.). *Cicéron dans les écoles au début du principat : mémoire, littérature et rhétorique*. **Interférences - Ars Scribendi** 12, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/interferences/8719>. Acesso em: 19/11/2025.

192

DEGL'INNOCENTI PIERINI, Rita. Cicerone nella prima età imperiale: luci ed ombre su un martire della repubblica. In: NARDUCCI, Emanuele (org.). **Aspetti della fortuna di Cicerone nella cultura latina. Atti del III Symposium Ciceronianum Arpinas**. Firenze: Le Monnier, 2002, p. 3-54.

DINTER, Martin. Memories of Future Past: Seneca the Elder and Cultural Memory. In: GUÉRIN, Charles; LEDENTU, Marie (org.). *Cicéron dans les écoles au début du principat : mémoire, littérature et rhétorique*. **Interférences - Ars Scribendi** 12, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/interferences/8675>. Acesso em: 19/11/2025.

ECHAVARREN FERNANDEZ, Arturo. **Nombres y personas en Séneca el Viejo**. Pamplona: EUNSA, 2007.

FANTHAM, Elaine. **Francesco Petrarca. Selected letters**, vol. I. Cambridge, MA – London: Harvard University Press, 2017.

FEDDERN, Stefan. **Die Suasorien des älteren Seneca. Einleitung, Text und Kommentar**. Berlin-Boston: De Gruyter, 2013.

GUÉRIN, Charles; LEDENTU, Marie (org). Cicéron dans les écoles au début du principat : mémoire, littérature et rhétorique. **Interférences – Ars Scribendi** 12, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/interferences/8493>. Acesso em: 19/11/2025.

GUÉRIN, Charles. Pourquoi Cicéron ? Les Suasoirs 6-7 et le projet mémoriel de Sénèque le père. In: GUÉRIN, Charles; LEDENTU, Marie (org.). Cicéron dans les écoles au début du principat : mémoire, littérature et rhétorique. **Interférences – Ars Scribendi** 12, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/interferences/8495>. Acesso em: 19/11/2025.

HÅKANSON, Lennart. **L. Annaeus Seneca. Oratorum et rhetorum sententiae, divisiones, colores**. Leipzig: B. G. Teubner, 1989.

KASTER, Robert A. Becoming 'CICERO'. In: KNOX, Peter; FOSS, Clive (org.), **Style and Tradition. Studies in Honor of Wendell Clausen**. Stuttgart-Leipzig: B. G. Teubner, 1998, p. 248-263.

KEELINE, Thomas J. **The Reception of Cicero in the Early Roman Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

LA BUA, Giuseppe. **Cicero and Roman Education: The Reception of the Speeches and Ancient Scholarship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

193

LENTANO, Mario. Parlare di Cicerone sotto il governo del suo assassino. La controversia VII, 2 di Seneca e la politica augustea della memoria. In: POIGNAULT, Rémy; SCHNEIDER, Cathérine (org.). **Fabrique de la déclamation antique (Controverses et suasoirs)**. Lyon: Presses de la MOM, 2016, p. 375-391.

MACDONALD, Coll. **Cicero, orations. In Catilinam 1-4, Pro Murena, Pro Sulla, Pro Flacco**. Cambridge, MA – London: Harvard University Press, 1976.

MIGLIARIO, Elvira. La narrazione della morte di Cicerone: un work in progress tra età augustea e tiberiana. In: GUÉRIN, Charles; LEDENTU, Marie (org.). Cicéron dans les écoles au début du principat : mémoire, littérature et rhétorique. **Interférences – Ars Scribendi** 12, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/interferences/8504>. Acesso em: 19/11/2025.

MIOTTI, Charlene; FURTADO, Fernando. Uma cidade condenada ao canibalismo: *Declamatio maior* XII de pseudo-Quintiliano. **Letras Clássicas**, v. 2, n. 1, p. 81-156, 2024. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/143994>. Acesso em: 19/11/2025.

MÜLLER, Hermann J. L. **Annaei Senecae Oratorum et rhetorum sententiae divisiones colores**. Vindobonae *et al.*: F. Tempsky, 1887.

SANTORELLI, Biagio. Memoria e oblio in Seneca Padre. In: CAPASSO, Mario (org.). **Quattro incontro sulla Cultura Classica**. Dal bimillenario della morte di Augusto all'insegnamento delle lingue classiche. Roma: Pensa Multimedia, 2019, p. 485-505.

SANTORELLI, Biagio; STRAMAGLIA, Antonio. La declamazione perduta. In: LENTANO, Mario (org.). **La declamazione latina**. Prospettive a confronto sulla retorica di scuola a Roma antica. Napoli: Liguori, 2015, p. 271-304.

SCAPPATICCIO, Maria Chiara (org.) **Seneca the Elder and his rediscovered 'Historiae ab initio bellorum civilium'**: New perspectives on early-imperial Roman historiograph. Berlin – Boston: De Gruyter, 2021.

STEEL, Catherine. **Reading Cicero**: Genre and Performance in Late Republican Rome. London: Duckworth, 2005.

194

VAN DER VELDEN, Bram. Ciceronian Reception in the Epistula ad Octavianum. In: PIEPER, Christoph; VAN DER VELDEN, Bram (org.). **Reading Cicero's Final Years**. Receptions of the Post-Caesarian Works up to the Sixteenth Century – with two Epilogues. Berlin – Boston: De Gruyter: p. 121-136, 2020.

WINTERBOTTOM, Michael. **The Elder Seneca**: Declamations, I-II. Cambridge, MA – London: Harvard University Press, 1974.

Data de envio: 26/10/2024
Data de aprovação: 7/11/2025
Data de publicação: 19/12/2025